

Texto Extraído do Livro dos Médiuns
Allan Kardec

Primeira Parte
Noções Preliminares
CAPÍTULO IV - Sistemas

36. Quando os fenômenos estranhos do Espiritismo começaram a se produzir ou, melhor dizendo, reapareceram nos últimos tempos, o primeiro sentimento que causaram foi o da dúvida sobre sua realidade e, ainda mais, sobre sua origem. Quando foram constatados por testemunhos irrecusáveis e por experiências que todos puderam fazer, aconteceu que cada um os interpretou a seu modo, conforme suas idéias pessoais, suas crenças ou suas prevenções; daí surgirem vários sistemas, que uma observação mais atenta viria dar o seu justo valor. Os adversários do Espiritismo pensaram encontrar um argumento nessa divergência de opiniões e proclamaram que os próprios espíritas não estão de acordo entre si. É em si mesmo um argumento pobre e precário, se refletirmos que os passos de toda ciência nascente são necessariamente incertos, até que o tempo permita reunir e coordenar os fatos que podem firmar opinião; à medida que os fatos se completam e são mais bem observados, as idéias prematuras se apagam e a unidade se estabelece, senão em todos os detalhes, pelo menos sobre os pontos fundamentais. Foi o que aconteceu com o Espiritismo; ele não podia escapar à lei comum e devia mesmo, por sua natureza, se prestar mais do que qualquer outro assunto à diversidade das interpretações.

Pode-se mesmo dizer que, nesse sentido, foi mais rápido do que outras ciências mais antigas, do que a medicina, por exemplo, que divide ainda os maiores sábios.

37. Por questão de ordem metódica, para seguir o caminho progressivo das idéias, convém que se coloque à frente aqueles que se podem chamar sistemas de negação, ou seja, os dos adversários do Espiritismo. Já contestamos suas objeções na Introdução e na Conclusão de O Livro dos Espíritos, assim como no pequeno volume intitulado O que é o Espiritismo? Seria inútil voltar a isso, mas vamos lembrar, em duas palavras, os motivos sobre os quais eles se fundam. Os fenômenos espíritas são de dois gêneros: os de efeitos físicos e os de efeitos inteligentes. Não admitindo a existência dos Espíritos, porque não admitem nada fora da matéria, compreende-se que neguem os efeitos inteligentes. Quanto aos efeitos físicos, eles os analisam sob seu ponto de vista, e seus argumentos podem se resumir nos quatro sistemas seguintes:

38. Sistema do charlatanismo. Entre os adversários, muitos atribuem esses efeitos à fraude, porque alguns puderam ser imitados. Essa suposição transforma todos os espíritas em ingênuos e todos os médiuns em fazedores de ingênuos, sem considerar a posição, o caráter, o saber e a honradez das pessoas. Se merecesse uma resposta, diríamos que alguns fenômenos da física também são imitados por mágicos, e isso não prova nada contra a verdadeira ciência. Aliás, há pessoas cujo caráter está acima de qualquer suspeita de fraude, e é preciso ser desprovido de toda civilidade e urbanidade para se atrever a dizer-lhes na face que são cúmplices do charlatanismo.

Num salão muito respeitável, um senhor, aparentemente educado, fez um comentário indelicado sobre o serviço. A dona da casa lhe disse:

“Senhor, uma vez que não estais contente, vosso dinheiro será devolvido na saída” e, num gesto, lhe faz compreender o que tinha de melhor a fazer. Devemos concluir daí que nunca houve abuso? Seria preciso, para acreditar nisso, admitir que os homens são perfeitos. Abusa-se de tudo, mesmo das coisas mais santas; por que não se abusaria do Espiritismo?

Mas o mau uso que se pode fazer de uma coisa não pode servir para prejudicá-la, e podemos considerar a honestidade das pessoas analisando os motivos que as fazem agir. Onde não há interesse financeiro o charlatanismo não tem nada a fazer.

39. Sistema da loucura. Alguns, numa espécie de tolerância caridosa, concordam em pôr de lado a suspeita de fraude e pretendem que, se não fazem ingênuos, são eles os próprios ingênuos, o que quer dizer que são imbecis. Quando os incrédulos são menos amáveis, dizem simplesmente que é loucura, atribuindo assim a si próprios, sem cerimônia, o privilégio do bom senso. Esse é o grande argumento dos que não têm uma boa razão para apresentar. Afinal, esse modo de ataque se tornou ridículo por ser banal e não merece que se perca tempo com ele. Os espíritas, aliás, pouco se importam com isso; prosseguem no seu caminho bravamente e se consolam ao pensar que têm por companheiros de infortúnio muitas pessoas cujo mérito é incontestável. É preciso, de fato, convir que essa loucura, se loucura fosse, tem uma característica muito interessante: a de atingir de preferência a classe esclarecida, entre a qual o Espiritismo conta, até o momento, com a imensa maioria de seus seguidores.

Se entre eles encontram-se algumas excentricidades, não depõem mais contra a Doutrina do que os loucos religiosos contra a religião, os loucos melomaníacos contra a música, os maníacos matemáticos contra as matemáticas. Todas as idéias encontraram fanáticos exagerados, e é preciso ser dotado de um julgamento pouco claro para confundir o exagero de uma coisa com a própria coisa. Recomendamos ao leitor, para amplas explicações sobre esse assunto, a nossa brochura *O que é o Espiritismo? E O Livro dos Espíritos, Introdução*, item no 15.

40. Sistema de alucinação. Uma outra opinião menos ofensiva, por ter um pequeno retoque científico, consiste em atribuir os fenômenos à ilusão dos sentidos; assim, o observador estaria de muita boa-fé e acreditaria ver o que não vê. Quando vê uma mesa se levantar e se manter no espaço sem um ponto de apoio, a mesa não teria se mexido do lugar; ele a vê no ar por um efeito de miragem, de espelho ou um efeito de refração, como vemos um astro ou um objeto espelhado na água, fora de sua posição real. Isso seria possível a rigor; mas aqueles que presenciaram o fenômeno puderam constatar o isolamento da mesa suspensa passando por debaixo dela, o que seria impossível se ela não estivesse suspensa do solo. Por outro lado, ocorreu muitas vezes de a mesa se quebrar ao cair: será que isso é também apenas um efeito de ótica?

Uma causa fisiológica bem conhecida pode, sem dúvida, fazer com que se acredite ver girar uma coisa que não se mexe ou que ela própria gira quando está imóvel; mas, quando muitas pessoas ao redor de uma mesa a vêem ser arrastada por um movimento tão rápido que têm dificuldade em segui-la e algumas vezes ser até lançada por terra, ocorrerá que todas tenham sido tomadas de uma ilusão, como o bêbado que acredita ver passar sua casa diante dele?

41. Sistema do músculo estalante. Se é desse modo que eles explicam a vidência, não seria diferente com a audição. No entanto, quando as pancadas são ouvidas por toda a assembléia; não é possível, racionalmente, atribuí-las a uma ilusão. Afastamos, com certeza, toda idéia de fraude e supomos que uma observação atenta constatou que as pancadas não são provocadas ao acaso ou por nenhuma causa material.

O certo é que um sábio médico deu em relação a isso, conforme sua visão pessoal, uma explicação definitiva*. Segundo ele: “A causa disso está nas contrações voluntárias ou involuntárias do tendão do músculo curto-perônio”. Ele entra, a esse respeito, nos detalhes anatômicos mais completos para demonstrar por qual mecanismo esse tendão pode produzir ruídos, imitar o ritmo do tambor e até mesmo executar árias ritmadas.

A partir disso, ele conclui que aqueles que acreditam ouvir pancadas numa mesa são vítimas de uma mistificação ou de uma ilusão.

O fato em si mesmo não é novo; infelizmente para o autor dessa pretensa descoberta, sua teoria não pode explicar todos os casos.

Digamos, primeiramente, que aqueles que desfrutam da singular faculdade de fazer estalar à vontade seu músculo curto-perônio ou outro qualquer e de tocar árias com ele são pessoas excepcionais, enquanto os que fazem bater as mesas são muito comuns e só excepcionalmente possuem a faculdade de um músculo batedor. Em segundo lugar, o sábio doutor esqueceu de explicar como o estalido muscular de uma pessoa imóvel e distante da mesa pode fazer com que se escute na mesa pancadas e vibrações sensíveis ao toque; como esse barulho pode repercutir,

a pedido dos assistentes, nas diferentes partes da mesa, em outros móveis, nas paredes, no teto etc.; como, enfim, a ação desse músculo pode atuar sobre uma mesa que não é tocada por ninguém e fazê-la mover-se. Essa explicação, de resto, se fosse racional, somente anularia o fenômeno das batidas, mas não esclareceria nada a respeito de todos os outros modos de comunicação.

Concluimos que ele julgou sem ter visto ou sem ter visto tudo muito bem. Sempre é lastimável que homens de ciência se apressem em dar, sobre o que não conhecem, explicações que os fatos podem desmentir.

Seu saber deveria torná-los mais criteriosos em seus julgamentos, porém afasta deles os limites do desconhecido.

- Senhor Jobert (de Lamballe). Para ser justo, é preciso dizer que essa descoberta é devida ao senhor Schiff. O senhor Jobert desenvolveu-lhe as conseqüências diante da Academia dos Médicos para dar o golpe de misericórdia nos Espíritos batedores. Todos os detalhes podem ser encontrados na Revista Espírita junho de 1859 (Nota de Kardec).

42. Sistema das causas físicas. Aqui saímos dos sistemas de negação absoluta. Sendo constatada a realidade dos fenômenos, o primeiro pensamento que naturalmente veio à idéia dos que o reconheceram foi atribuir os movimentos ao magnetismo, à eletricidade ou à ação de um fluido qualquer, numa palavra a uma causa completamente física e material.

Essa opinião não tem nada de irracional e teria prevalecido se os fenômenos se limitassem a efeitos puramente mecânicos. Uma circunstância parecia mesmo confirmá-la: em alguns casos, o crescimento da força em razão do número de assistentes; cada um deles podia assim ser considerado um dos elementos de uma pilha elétrica humana. O que caracteriza uma teoria como verdadeira, como já dissemos, é o fato de ela poder explicar tudo; assim, se um único fato vem contradizê-la, ela é falsa, incompleta ou muito absoluta. Foi o que não tardou a ocorrer aqui.

Os movimentos e as batidas revelavam-se como sinais inteligentes, obedecendo à vontade e respondendo ao pensamento; deviam ter origem numa causa inteligente. Desde o momento em que o efeito deixou de ser puramente físico, a causa, por isso mesmo, devia ter uma outra fonte; por isso o sistema da ação exclusiva de um agente material foi abandonado e é aceito apenas pelos que julgam a princípio e sem nada terem visto.

O ponto fundamental está, portanto, em constatar a ação inteligente, que pode ser comprovada por todo aquele que se der ao trabalho de observar.

43. Sistema do reflexo. Uma vez reconhecida a ação inteligente, restava saber qual era a fonte dessa inteligência. Pensou-se que podia ser o médium ou os assistentes, que a refletiam como a luz ou os raios sonoros. Isso era possível, mas somente a experiência podia dar a última palavra. Primeiramente, lembremos que esse sistema já se afasta completamente da idéia puramente materialista; para que a inteligência dos assistentes pudesse se reproduzir por caminho indireto, seria preciso admitir no homem um princípio fora do organismo.

Se o pensamento que se exteriorizava sempre fosse o dos assistentes, a teoria da reflexão teria sido confirmada. O próprio fenômeno reduzido a essa proporção já não seria do mais alto interesse? O pensamento repercutindo em um corpo inerte e se traduzindo pelo movimento e pelo ruído já não seria uma coisa bem notável? Não haveria aí o bastante para instigar a curiosidade dos sábios? Por que, então, o desprezaram, eles, que se cansaram à procura de uma fibra nervosa?

Somente a experiência, dissemos, podia negar ou dar razão a essa teoria, e a experiência a negou, porque demonstra a cada instante, e pelos fatos mais positivos, que o pensamento manifestado pode ser não somente estranho ao dos assistentes, mas também inteiramente contrário ao deles; isso contradiz todas as idéias preconcebidas, frustra todas as previsões. De fato, quando penso branco e me respondem preto, é difícil para mim acreditar que a resposta venha de mim.

Alguns se apóiam em casos de identidade entre o pensamento expresso e o dos assistentes; mas o que é que isso prova, senão que os assistentes podem pensar como a inteligência que se comunica?

Não há razão para que eles sejam sempre de opinião oposta. Quando, numa conversação, o interlocutor emite um pensamento semelhante ao vosso, direis por isso que o tirou de vós?

Bastam alguns exemplos contrários bem comprovados para provar que essa teoria não pode ser incontestável.

Aliás, como explicar pela reflexão do pensamento a escrita produzida por pessoas que não sabem escrever, as respostas da mais alta importância filosófica obtidas por pessoas iletradas, as respostas às perguntas mentais ou numa língua desconhecida pelo médium e milhares de outros fatos que não deixam dúvida sobre a independência da inteligência que se manifesta? A opinião contrária pode ser apenas o resultado de uma falha de observação.

Se a presença de uma inteligência estranha está moralmente provada pela natureza das respostas, o está materialmente pelo fato da escrita direta, ou seja, da escrita obtida espontaneamente, sem caneta nem lápis, sem contato, e, com todas as precauções tomadas para se garantir contra qualquer enganação, o caráter inteligente do fenômeno não pode ser posto em dúvida; há nele outra coisa além da ação fluídica. Além disso, a espontaneidade do pensamento manifestado fora de qualquer expectativa, fora de toda questão formulada, não permite um reflexo do pensamento dos assistentes.

O sistema do reflexo é bastante desconcertante em alguns casos; quando numa reunião de pessoas honestas ocorre uma dessas comunicações revoltantes de grosseria, haveria de se fazer um mau juízo dos assistentes, ao pretender que ela tenha emanado do pensamento de um deles, e é provável que cada um se apresse em repudiá-la (Veja em O Livro dos Espíritos, Introdução, item no 16).

44. Sistema da alma coletiva. É uma variante do precedente. Conforme esse sistema, somente a alma do médium se manifesta. Essa alma se identifica com a de muitos outros seres vivos presentes ou ausentes e forma um todo coletivo, reunindo as aptidões, a inteligência e os conhecimentos de cada um. Embora o livro onde essa teoria é exposta seja intitulado A Luz•, ela nos pareceu de um estilo muito obscuro; confessamos tê-la compreendido pouco e falamos dela apenas por memória. Aliás, é como muitas outras: uma opinião individual que fez poucos adeptos. Sob o nome de Emah Tirpsé, o autor designa o ser coletivo que ele representa. Toma por lema: Não há nada oculto que não deva ser conhecido. Essa proposição é evidentemente falsa, porque há muitas coisas que o homem não pode e não deve saber; seria bem presunçoso aquele que pretendesse penetrar todos os segredos de Deus.

45. Sistema sonambúlico. Este teve mais entusiastas e ainda conta com alguns. Como o anterior, admite que todas as comunicações inteligentes têm sua fonte na alma ou no Espírito do médium; mas, para explicar a aptidão de tratar de assuntos fora de seus conhecimentos, em vez de supor uma alma múltipla, atribui essa aptidão a uma superexcitação momentânea das faculdades mentais, a uma espécie de estado sonambúlico ou extático, que exalta e desenvolve sua inteligência. Não se pode negar, em alguns casos, a influência dessa causa; mas basta ter visto em ação um grande número de médiuns para se convencer de que ela não pode resolver todos os fatos e que é exceção, e não a regra. Poderíamos crer que fosse assim se o médium sempre tivesse a expressão de um inspirado ou de um extático, aparência, aliás, que poderia perfeitamente simular, se quisesse representar uma comédia; mas como acreditar na inspiração quando o médium escreve como uma máquina, sem ter a menor consciência do que está escrevendo, sem a menor emoção, sem se preocupar com o que faz, olhando para outros lugares, distraído, rindo e fazendo diferentes coisas? Compreende-se a superexcitação das idéias, mas não se compreende que ela possa fazer escrever quem não sabe escrever, e se compreende ainda menos quando as comunicações são transmitidas por pancadas ou com a ajuda de uma prancheta ou de uma cesta.

Veremos, na sequência desta obra, o que é preciso considerar como influência das idéias do médium; mas os fatos em que a inteligência estranha se revela por meio de sinais incontestáveis são tão numerosos e tão evidentes que não podem deixar dúvida a esse respeito. O erro da maioria dos sistemas nascidos na origem do Espiritismo foi ter tirado conclusões gerais de alguns fatos isolados.

• Comunhão. A luz do fenômeno do Espírito. Mesas que falam, sonâmbulos, médiuns, milagres. Magnetismo espiritual: força da prática da fé. Por Emah Tirpsé, uma alma coletiva escrevendo por intermédio de uma prancheta. Bruxelas, 1858, Casa Devroye (N.K.).

46. Sistema pessimista, diabólico ou demoníaco. Aqui entramos numa outra ordem de idéias. Uma vez constatada a intervenção de uma inteligência estranha, era preciso saber a natureza dessa inteligência. O modo mais simples consistia, sem dúvida, no de fazer-lhe perguntas; mas algumas pessoas não julgaram isso uma garantia suficiente e preferiram ver em todas as manifestações apenas uma ação diabólica; de acordo com elas, somente o diabo ou os demônios podem se comunicar. Embora esse sistema encontre pouca aceitação hoje, não deixou de ter crédito por algum tempo, pelo próprio caráter daqueles que procuraram fazê-lo prevalecer. Entretanto, convém lembrar que os partidários do sistema demoníaco não devem ser colocados entre os adversários do Espiritismo.

Que os seres que se comunicam sejam os demônios ou os anjos, são sempre seres incorpóreos, e admitir a manifestação dos demônios é sempre admitir a possibilidade de se comunicar com o mundo invisível ou, pelo menos, com uma parte desse mundo.

A crença na comunicação exclusiva dos demônios, por mais irracional que seja, não parece irracional quando se imagina os Espíritos como seres criados fora da humanidade; mas, desde que se sabe que os Espíritos não são outra coisa senão a alma daqueles que viveram, essa crença perdeu todo o seu prestígio e, pode-se dizer, toda sua concepção de verdade; porque resultaria daí que todas as almas são demônios, fossem de um pai, de um filho ou de um amigo, e que nós mesmos, ao morrer, tornaríamos-nos demônios, doutrina pouco lisonjeira e pouco consoladora para muitas pessoas. Será muito difícil uma mãe consentir que o filho querido, que ela perdeu e que lhe vem dar, depois da morte, provas de sua afeição e de sua identidade, seja um agente de Satanás. É certo que, entre os Espíritos, há os que são muito maus e que não se diferenciam em nada dos que são chamados demônios, e isso tem uma razão bem simples: há homens muito maus, e a morte não os torna imediatamente melhores; a questão é saber se são os únicos que podem se comunicar. Àqueles que pensam desse modo, propomos as seguintes questões:

1o) Há bons e maus Espíritos?

2o) Deus é mais poderoso do que os maus Espíritos ou do que os demônios, se os quereis chamar assim?

3o) Afirmar que somente os maus se comunicam é dizer que os bons não podem fazê-lo; se é assim, de duas coisas uma: isso acontece pela vontade ou contra a vontade de Deus. Se é contra a Sua vontade, é porque os maus Espíritos são mais poderosos que Ele; se é pela Sua vontade, por que, em Sua bondade, não permitiria a comunicação dos bons, para contrabalançar a influência dos maus?

4o) Que prova podeis fornecer para demonstrar que os bons Espíritos não podem se comunicar?

5o) Quando vos mostram a sabedoria de algumas comunicações, respondeis: são do demônio, que se reveste de máscaras para seduzi melhor. Sabemos, de fato, que há Espíritos hipócritas que dão à sua linguagem um falso verniz de sabedoria; mas admitis que a ignorância possa imitar o verdadeiro saber e uma natureza má possa imitar a verdadeira virtude sem deixar vestígio que revele a fraude?

6o) Se somente o demônio se comunica, uma vez que é inimigo de Deus e dos homens, por que recomenda orar a Deus, se submeter à Sua vontade, sofrer sem se lamentar as tribulações da vida, não ambicionar nem as honras nem as riquezas, praticar a caridade e todas as máximas do

Cristo; numa palavra, fazer tudo o que é necessário para destruir seu império? Se é o demônio que dá tais conselhos, é preciso convir que ele, por mais astucioso que seja, não é nada inteligente ao fornecer armas contra si mesmo•.

• Esta questão foi tratada em O Livro dos Espíritos (Veja as questões nos 128 e seguintes); mas recomendamos a esse respeito, e a tudo o que se refere à parte religiosa, a brochura intitulada Carta de um católico sobre o espiritismo, por M., o doutor Grand, antigo cônsul da França (Casa Ledoyen), assim como: Os contraditores do Espiritismo do ponto de vista da religião, da ciência e do materialismo (N.K.).

7o) Uma vez que os Espíritos se comunicam, é porque Deus o permite; ao ver as boas e as más comunicações, não é mais do que lógico pensar que Deus permite umas para nos pôr à prova e outras para nos aconselhar o bem?

8o) Que pensaríeis de um pai que deixasse seu filho à mercê dos maus exemplos e dos maus conselhos, que o afastasse de si, e que o proibisse de ver as pessoas que pudessem desviá-lo do mal? O que um bom pai não faria, deve-se pensar que Deus, que é a bondade por excelência, fizesse menos do que faria um homem?

9o) A Igreja reconhece como autênticas certas manifestações da Virgem e de outros santos em aparições, visões, comunicações orais etc. Essa crença não contradiz a doutrina, que diz que só os demônios se comunicam?

Acreditamos que algumas pessoas adotam essa teoria de boa-fé, como também que muitos crêem nisso unicamente para evitar se ocupar com essas coisas e por recearem as comunicações de censura, que qualquer um está sujeito a receber; ao dizerem que somente o diabo se manifesta, quiseram causar medo, mais ou menos como quando se diz a uma criança: não toque nisso; isso queima. A intenção pode ser boa, mas o objetivo é errado, pois a proibição apenas instiga a curiosidade, e o medo do diabo não assusta mais as pessoas: se querem vê-lo, é apenas para ver como é feito, e ficam admiradas de ele não ser tão feio quanto acreditavam. Mas não haverá ainda um outro motivo para essa teoria exclusiva do diabo? Há pessoas que acham que todos aqueles que não estão de acordo com sua opinião estão errados; será que os que apregoam que todas as comunicações são obra do demônio não são movidos pelo medo de não achar os Espíritos de acordo com o que eles pensam sobre todos os pontos e especialmente sobre aqueles que se referem aos interesses deste mundo mais do que do outro? Não podendo negar os fatos, quiseram apresentá-los de uma maneira assustadora; mas esse método não deu melhores resultados que os outros. Onde o medo do ridículo é impotente, é preciso resignar-se e deixar passar as coisas.

O muçulmano que ouvisse um Espírito falar contra alguma lei do Alcorão certamente pensaria se tratar um mau Espírito; o mesmo aconteceria com um judeu no que diz respeito a certas práticas da lei de Moisés. Quanto aos católicos, ouvimos um afirmar que o Espírito que se comunicava só podia ser o diabo, porque se havia permitido pensar de modo diferente do dele acerca do poder temporal, embora o Espírito houvesse pregado somente a caridade, a tolerância, o amor ao próximo e a abnegação das coisas deste mundo, as mesmas máximas ensinadas pelo Cristo.

Os Espíritos não são outros senão as almas dos homens, e os homens não são perfeitos; disso resulta que há Espíritos igualmente imperfeitos e cujo caráter se reflete nas suas comunicações. É um fato incontestável que há Espíritos maus, astuciosos, profundamente hipócritas e contra os quais é preciso se prevenir; mas porque há no mundo homens perversos, não é razão para fugir de toda a sociedade. Deus nos deu a razão e o julgamento para apreciar os Espíritos, como também os homens. O melhor meio de se prevenir contra os inconvenientes que a prática do Espiritismo pode apresentar não é proibi-lo, mas sim torná-lo compreendido. Um medo imaginário impressiona apenas por um instante e não afeta todo mundo; a realidade exposta claramente é compreendida por todos.

47. Sistema otimista. Ao lado dos que apenas vêem nos fenômenos a ação dos demônios, há os que vêem apenas a dos bons Espíritos; para eles, estando a alma separada da matéria, não existiria mais nenhum véu para ela e ela deve possuir a soberana ciência e a soberana sabedoria. A confiança cega nessa superioridade absoluta dos seres do mundo invisível resultou em grandes decepções para muitos; eles aprenderam, à sua custa, a desconfiar de alguns Espíritos, assim como de alguns homens.

48. Sistema uniespírita ou monoespírita. Uma variedade do sistema otimista, consiste na crença de que um único Espírito se comunica com os homens e que esse Espírito é o Cristo, o protetor da Terra. Quando vemos comunicações de conteúdo insignificante, de uma grosseria revoltante, impregnadas de malevolência e de maldade, é profanação e impiedade supor que possam emanar do Espírito do bem por excelência. Ainda, se aqueles que acreditam nisso tivessem tido apenas comunicações irrepreensíveis, se justificaria sua ilusão; mas a maioria concorda em haver recebido comunicações muito ruins. O que explicam no dizer deles ser uma prova que o bom Espírito lhes faz sofrer ao lhes ditar coisas absurdas; assim, enquanto uns atribuem todas as comunicações ao diabo, que pode dizer boas coisas para os tentar, outros pensam que apenas Jesus se manifesta e que ele pode dizer coisas más para os provar. Entre essas duas opiniões tão controvertidas, qual prevalecerá? O bom senso e a experiência. Dizemos a experiência porque é impossível que aqueles que professam idéias tão absurdas tenham visto tudo e visto bem.

Quando se lhes argumenta com os fatos de identidade que atestam a presença de parentes, amigos ou conhecidos pelas manifestações escritas, visuais ou outras, respondem que é sempre o mesmo Espírito, o diabo conforme uns e o Cristo conforme outros, que toma todas as formas; mas não dizem porque os outros Espíritos não podem comunicar-se. E com que objetivo o Espírito da Verdade viria nos enganar, apresentando-se sob falsas aparências, abusar de uma pobre mãe ao fazer-se passar mentirosamente pelo filho que ela chora? A razão se recusa a admitir que o Espírito, entre todos o mais santo, se rebaixe para realizar uma brincadeira semelhante. Aliás, negar a possibilidade de qualquer outra comunicação é negar ao Espiritismo o que ele tem de mais sublime: a consolação dos aflitos? Digamos simplesmente que um sistema semelhante é irracional e não resiste a um exame sério.

49. Sistema multiespírita ou poliespírita. Todos os sistemas que analisamos até agora, incluindo os que negam os fenômenos, baseiam-se em algumas observações incompletas ou mal-interpretadas. Se uma casa é vermelha de um lado e branca de outro, aquele que a vir apenas de um lado afirmará que é vermelha, enquanto aquele que a vir de outro dirá que é branca: ambos estarão errados e certos; mas aquele que vir a casa de todos os lados dirá que ela é vermelha e branca, e será o único com razão. Acontece a mesma coisa em relação à opinião que se faz do Espiritismo: ela pode ser verdadeira em alguns aspectos e falsa, caso se generalize o que é apenas parcial, se tome por regra o que é apenas exceção, considerando como um todo o que é apenas parte. É por isso que dizemos que todo aquele que quer estudar seriamente essa ciência deve ver muito e por muito tempo; somente o tempo irá lhe permitir compreender os detalhes, perceber as nuances delicadas, observar uma multidão de fatos característicos que serão para ele raios de luz. Mas, se ficar na superfície, irá se expor a um julgamento prematuro e, por consequência, errôneo.

Eis as consequências gerais deduzidas após uma observação completa e que formam agora, pode-se dizer, a crença universal dos espíritas, visto que os sistemas dissidentes não são mais do que opiniões isoladas:

1o) os fenômenos espíritas são produzidos por inteligências extracorpóreas, isto é, pelos Espíritos;

2o) os Espíritos constituem o mundo invisível; estão em todos os lugares; povoam os espaços ao infinito, estão sem cessar ao redor de nós e estamos sempre em contado com eles;

3o) os Espíritos agem incessantemente sobre o mundo físico e sobre o mundo moral e são uma das forças da natureza;

- 4o) os Espíritos não são seres à parte na criação; são as almas daqueles que viveram na Terra ou em outros mundos e que se despojaram de seu envoltório corporal; por conseguinte, as almas dos homens são os Espíritos encarnados e, quando desencarnam, se tornaram Espíritos;
- 5o) há Espíritos de todos os graus de bondade e de maldade, de saber e de ignorância;
- 6o) são todos submetidos à lei do progresso e todos podem chegar à perfeição; mas, como todos possuem seu livre-arbítrio, podem alcançá-la num tempo mais ou menos longo, conforme seus esforços e suas vontades;
- 7o) são felizes ou infelizes, de acordo com o bem ou o mal que fizeram durante a vida e o grau de adiantamento que alcançaram. A felicidade perfeita e sem mácula é partilhada somente pelos Espíritos que alcançaram o grau supremo da perfeição;
- 8o) todos os Espíritos, em determinadas circunstâncias, podem se manifestar aos homens; o número dos que podem comunicar-se é infinito;
- 9o) os Espíritos se comunicam pelos médiuns, que lhes servem de instrumentos e de intérpretes;
- 10o) reconhece-se a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos por sua linguagem; os bons aconselham apenas o bem e dizem apenas coisas boas: tudo neles atesta a elevação; os maus enganam, e todas as suas falas trazem a marca da imperfeição e da ignorância.
- Os diferentes graus em que se classificam os Espíritos são indicados na Escala Espírita (Veja em O Livro dos Espíritos, questão no 100). O estudo dessa classificação é indispensável para avaliar a natureza dos Espíritos que se manifestam, suas boas e más qualidades.

50. Sistema da alma material. Consiste unicamente na discussão sobre a natureza íntima da alma. De acordo com alguns, a alma e o perispírito não seriam duas coisas distintas ou, melhor dizendo, o perispírito não seria outra coisa senão a própria alma, depurando-se gradualmente nas diversas transmigrações, como o álcool se depura nas diversas destilações; porém a Doutrina Espírita considera o perispírito apenas o corpo fluídico da alma ou do Espírito. O perispírito sendo uma matéria, embora muito etérea, a alma seria ainda de uma matéria mais ou menos essencial, de acordo com o grau de sua depuração.

Esse sistema não invalida nenhum dos princípios fundamentais da Doutrina Espírita, visto que não muda em nada o destino da alma; as condições de sua felicidade futura são as mesmas; a alma e o perispírito formam um todo, sob o nome de Espírito, como o germe e o perisperma formam o que chamamos de fruto; toda questão se reduz em considerar o todo como homogêneo, em vez de formado por duas partes distintas.

Como se vê, essa questão não leva a nenhuma consequência, e não teríamos falado disso se não tivéssemos encontrado pessoas inclinadas a ver uma nova escola no que é, definitivamente, apenas uma simples interpretação de palavras. Essa opinião, aliás muito restrita, mesmo se fosse mais geral, não seria uma divergência entre os espíritas tanto quanto não o são as duas teorias da emissão ou das ondulações da luz entre os físicos. Aqueles que quisessem formar dissidência por um detalhe tão insignificante provariam, apenas por isso, que atribuem mais importância ao acessório do que ao principal e que são instigados à desunião por Espíritos que não podem ser bons, porque os bons Espíritos não causam jamais a insatisfação e a desarmonia, e é por isso que convocamos todos os verdadeiros espíritas para se colocar em guarda contra semelhantes sugestões e não dar a alguns detalhes mais importância do que merecem; o essencial é a base. Contudo, acreditamos que devemos dizer em algumas palavras sobre qual fundamento se apóia a opinião daqueles que consideram a alma e o perispírito duas coisas distintas.

Ela está fundada no ensinamento dos Espíritos, que nunca divergem a esse respeito; falamos dos Espíritos esclarecidos, porque entre eles há os que não sabem mais, e até sabem menos, do que os homens; assim, a teoria contrária é uma concepção humana. Nós não inventamos nem imaginamos o perispírito para explicar os fenômenos; sua existência nos foi revelada pelos Espíritos e a observação a confirmou (Veja em O Livro dos Espíritos, questão no 93). Ela se apóia ainda no estudo das sensações dos Espíritos (Veja em O Livro dos Espíritos, questão no 257) e principalmente no fenômeno das aparições tangíveis, que causaria, conforme a outra opinião, solidificação e desagregação das partes constituintes da alma e, por conseguinte, sua desorganização. Seria preciso, além do mais, admitir que a matéria, que impressiona os sentidos,

é o princípio inteligente, o que não é mais racional do que confundir o corpo com a alma ou a vestimenta com o corpo. Quanto à natureza íntima da alma, ela nos é desconhecida. Quando se diz que é imaterial, é preciso entender no sentido relativo, e não absoluto, visto que a imaterialidade absoluta seria o nada; acontece que a alma ou o Espírito é alguma coisa; pode-se dizer que sua essência é de tal modo pura que não tem nenhuma comparação possível com o que chamamos matéria e que assim, para nós, ela é imaterial (Veja em O Livro dos Espíritos, questões nos 23 e 82).

51. Eis a resposta dada sobre esse assunto por um Espírito: “O que alguns chamam perispírito não é outra coisa senão o que outros chamam corpo fluídico. Direi, para me fazer compreender de uma maneira mais lógica, que esse fluido é o aperfeiçoamento dos sentidos, a extensão da vista e das idéias; refiro-me aos Espíritos elevados. Quanto aos Espíritos inferiores, os fluidos terrestres ainda se acham profundamente impregnados neles; são, portanto, matéria como vedes; daí os sofrimentos da fome, do frio etc., sofrimentos que não podem ser sentidos pelos Espíritos superiores, uma vez que já se depuraram dos fluidos terrestres no pensamento, ou seja, na alma. A alma, para realizar o seu progresso, sempre tem necessidade de um agente: a alma sem um agente não é nada para vós ou, melhor dizendo, não pode ser concebida por vós. O perispírito, para nós, Espíritos errantes, é o agente pelo qual nos comunicamos convosco, seja indiretamente por vosso corpo ou vosso perispírito, seja diretamente à vossa alma; daí a infinita diversidade de médiuns e comunicações.

“Agora, quanto à questão do ponto de vista científico, ou seja, à essência do perispírito, isso é um outro assunto. Procurai compreender por agora moralmente o porquê do seu existir e restará então discutir a natureza dos fluidos, o que é inexplicável para o momento; a ciência não conhece bastante, mas chegará lá se quiser caminhar com o Espiritismo. O perispírito pode variar e mudar ao infinito; a alma é o pensamento e não muda de natureza; sobre esse assunto não avancemos mais; é um ponto que não pode ser explicado no momento. Acreditais que não procuro como vós?

Vós pesquisais o perispírito; nós, agora, pesquisamos a alma. Esperai”.

Lamennais

Assim, se os Espíritos que podem ser considerados avançados ainda não puderam sondar a natureza da alma, como nós o poderíamos fazer? É, pois, perder tempo querer investigar o princípio das coisas que, como está dito em O Livro dos Espíritos, nas questões nos 17 e 49, está nos segredos de Deus. Pretender alcançar com a ajuda do Espiritismo o que ainda não é da alçada da humanidade é desviá-lo de seu verdadeiro objetivo, é fazer como a criança que quer saber tanto quanto o velho. Que o homem faça uso do Espiritismo para o seu melhoramento moral é o essencial; o mais é apenas uma curiosidade estéril e, muitas vezes, orgulhosa, cuja satisfação não o fará dar nenhum passo adiante; o único modo de avançar é tornar-se melhor. Os Espíritos que ditaram o livro que leva seu nome provaram sua sabedoria mantendo-se, no que diz respeito ao princípio das coisas, nos limites que Deus não permite transpor, deixando aos Espíritos sistemáticos e presunçosos a responsabilidade das teorias antecipadas e errôneas, mais sedutoras do que sólidas, que cairão um dia diante da razão como tantas outras nascidas do cérebro humano. Disseram apenas o que era necessário para fazer o homem compreender o futuro que o espera e por isso mesmo encorajá-lo à prática do bem (Veja neste livro a Parte Segunda, capítulo 1, “Ação dos Espíritos sobre a matéria”).